

PROPOSTA DE TERMINOLOGIA PARA A DESCRIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DA CERÂMICA ARQUEOLÓGICA DOS GRUPOS PERTENCENTES À FAMÍLIA LINGÜÍSTICA TUPI-GUARANI*

*Maria Cristina Mineiro Scatamacchia***

SCATAMACCHIA, M.C.M. Proposta de terminologia para a descrição e classificação da cerâmica arqueológica dos grupos pertencentes à família lingüística tupi-guarani. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 14: 291-307, 2004.*

RESUMO: A proposta aqui apresentada é produto de trabalhos anteriores (Scatamacchia, Caggiano e Jacobus 1991; Scatamacchia, Fonseca e Pilón 2003) que tiveram a preocupação de estabelecer definições precisas para a descrição e classificação cerâmica partindo de um quadro referencial que permitisse identificações rápidas e correlações amplas. As discussões levaram à criação de um sistema objetivo, a partir de um quadro de referência para a classificação das vasilhas cerâmicas arqueológicas pertencentes aos grupos de filiação lingüística tupi-guarani. Tomamos como base para a apresentação os termos referentes às diferentes etapas da produção de uma vasilha cerâmica, e que deverão ser considerados para a descrição e classificação. Eles reúnem a descrição das técnicas que envolvem o projeto inicial do artesão, a busca da matéria prima, sua preparação, a forma e a escolha da decoração. Este conjunto vai garantir uma identificação básica do artefato e do domínio tecnológico do grupo, que servirá de referência para a sua inserção no contexto social. A proposta é um sistema aberto de descrição que permite a classificação das vasilhas cerâmicas dentro de uma categoria classificatória extensa, que pode ser desdobrada posteriormente dentro das variáveis que indicam as especificidades regionais ou locais.

UNITERMOS: Sistema de classificação – Tradição ceramista – Tupi-guarani – Estudo de cultura material.

A proposta aqui apresentada é em parte derivada de um projeto mais amplo de uniformização da terminologia arqueológica, que vem sendo desenvolvido

pelo Comitê de Arqueologia do Instituto Panamericano de Geografia e História (Scatamacchia 1997). A preocupação foi procurar estabelecer definições

(*) Estamos nos referindo ao conjunto que tem sido classificado dentro da tradição ceramista “tupiguarani”, estabelecida pelo Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica, na década de 1960: “Após considerações de possíveis alternativas, não obstante suas conotações lingüísticas, foi decidido rotular como tupiguarani (escrito numa só palavra) esta tradição ceramista tardia amplamente difundida, considerando já ter sido o termo consagrado

pela bibliografia e também a informação etno-histórica estabelecer correlações entre as evidências arqueológicas e os falantes de língua Tupi e Guarani, ao longo de quase todo território brasileiro” (PRONAPA 1969:10). O avanço das pesquisas e as revisões posteriores mostraram a necessidade de considerar as diferenças identificadas tanto no contexto arqueológico como etno-histórico (Brochado

precisas para a descrição e classificação de artefatos, que, partindo de um quadro referencial, permitissem identificações rápidas e correlações amplas.¹ As discussões levaram à criação de um sistema objetivo, que pode ser transformado em uma fórmula numérica.

Partindo deste princípio e com base também em outro trabalho anterior sobre o tema (Scatamacchia, Caggiano e Jacobus 1991), foi elaborado um quadro de referência para a classificação das vasilhas cerâmicas arqueológicas pertencentes aos grupos de filiação linguística tupi-guarani, que estaremos considerando aqui de maneira genérica e sem a preocupação com as discussões sobre a identificação étnica. A apresentação tem um caráter técnico e representa um meio para ajudar na sistematização dos dados conhecidos que podem levar a uma melhor definição das tradições ou sub-tradições envolvidas.

Tomamos como base para a apresentação os termos referentes às diferentes etapas da produção de uma vasilha cerâmica, e que deverão ser considerados para a descrição e classificação. Eles englobam a descrição das técnicas que envolvem o projeto inicial do artesão, a busca da matéria prima, sua preparação, a forma e a escolha da decoração. Este conjunto vai garantir uma identificação básica do artefato e do domínio tecnológico do grupo, que servirá de base para a sua inserção no contexto social.

A proposta é uma descrição que permita a classificação das vasilhas cerâmicas dentro de uma categoria classificatória ampla, que pode ser detalhada posteriormente dentro das variáveis que indicam as especificidades regionais ou locais.

Matéria-prima

A argila pode ser usada da maneira como é encontrada na natureza, ou necessita que sejam agregados materiais para controlar a sua plasticidade, que no caso da tradição cerâmica considerada podem ser: areia ou caco moído.

1984; Scatamacchia 1990), que nos levaram a considerar duas fácies: Tupi e Guarani. Entretanto, neste momento não estaremos discutindo estas diferenças que poderão ser feitas com maior precisão depois de uma descrição e classificação objetiva que permita amplas correlações.

(**) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Bolsista do CNPq. scatamac@usp.br

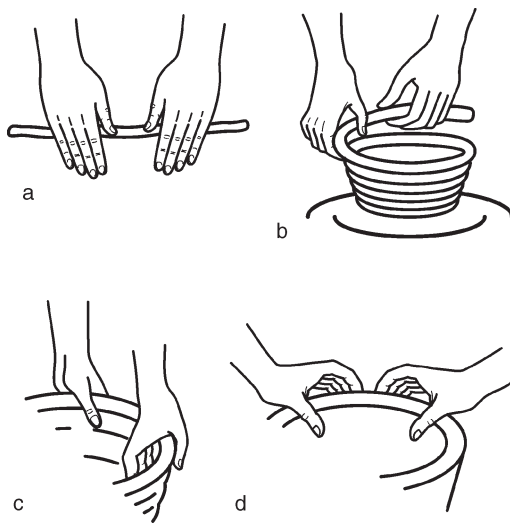
(1) As discussões originais levaram em conta a equivalência dos termos nos quatro idiomas americanos.

Antiplástico: material colocado na argila para controlar a sua plasticidade.

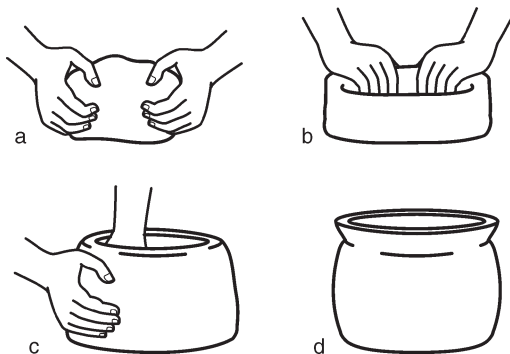
Técnica de manufatura

Podemos definir técnica de manufatura como a maneira com que o artesão constrói a forma planejada. No caso da tradição ceramista mencionada, podemos identificar basicamente duas técnicas de fabricação:

Roletado – Técnica de fabricação em que a forma é obtida pela justaposição de roletes, que são posteriormente unidos através da pressão dos dedos.



Modelado – Técnica de fabricação em que a forma é obtida pela justaposição de pedaços de argila, que são trabalhados manualmente para conseguir a peça desejada.



Estudo da forma

Excetuando alguns aspectos mais genéricos do *Guia Práctica para el análisis de la forma de los recipientes cerámicos precolombinos* (Scatamacchia, Fonseca e Pilon 2002), estamos apresentando a seguir o quadro esquemático de descrição e classificação.

Partindo de alguns trabalhos já consagrados no contexto americano (Shepard 1968; Tejero e Litvak 1968; Rice 1987; Sinapoli 1991), selecionamos as variáveis que enfocam o aspecto morfológico e uma denominação formal.

Começamos com o esquema básico estabelecido em um trabalho anterior (Scatamacchia, Caggiano e Jacobus 1991), no qual foi feita uma proposta para o estudo de vasilhas de tradição Tupiguarani, presente em todo o leste do Brasil, Uruguai, Paraguai e noroeste da Argentina. Ampliamos a seleção das categorias estabelecidas neste primeiro estudo para abarcar uma maior diversidade de formas, consideradas sempre dentro de categorias gerais amplas.

Estabelecemos as categorias amplas de referência a partir de duas variáveis:

- estrutura geral
- contorno do corpo das vasilhas.

Estrutura Geral - É a orientação básica, que a partir de um eixo central define a construção da vasilha. Para defini-la, consideramos duas classes estruturais: fechada ou aberta, com colo ou sem colo.

Forma Fechada - Denominamos fechada aquela forma que tem o diâmetro da boca menor que o diâmetro máximo.

Forma Aberta - Denominamos fechada aquela forma que tem o diâmetro da boca maior ou igual ao diâmetro máximo do corpo.

Contorno da boca - É a linha que delimita a boca da vasilha. Ao observar o recipiente no seu plano superior, podemos constatar vários tipos de contornos da boca: circular, quadrangular, retangular, elíptica e ovoíde, por exemplo.

Contorno do corpo - É a linha definida a partir do perfil da vasilha. Será determinado de acordo com o número de pontos angulares (PA) e de pontos de inflexão (PI) e suas combinações. Assim, o contorno poderá ser:

- Simple - Sem nenhum ponto angular ou de inflexão
- Angular - Com um ponto angular
- Inflexionada - Com um ponto de inflexão
- Multiangular - Com mais de um ponto angular
- Multiinflexionada - Com mais de um ponto de inflexão
- Angular/inflexionada - Com um ponto angular e um ponto de inflexão
- Angular/multiinflexionada - Com um ponto angular e mais de um ponto de inflexão
- Inflexionada/multiangular - Com um ponto de inflexão e mais de um ponto angular
- Multiangulare/multiinflexionada - Múltiplos pontos angulares e de inflexão

Proporção - É considerada a relação entre o diâmetro máximo e a altura total, sem levar em conta os apêndices, o que permite obter um índice (D/H), a partir do qual consideramos as seguintes classes de recipientes:

Funda - Possui a altura maior ou igual à metade do diâmetro máximo. Índice menor que 2. $D/H = < 2$

Média - Possui a altura total entre 1/2 e 1/3 do diâmetro máximo. Índice de 2,1 a 3. $D/H = 2,1 a 3$

Rasa - Possui a altura total menor que 1/3 do diâmetro máximo. Índice maior que 3. $D/H = > 3$

É a proporção que vai determinar as variações das formas dentro da categoria genérica.

A combinação das classes estruturais mais o contorno do corpo permite criar as seguintes categorias classificatórias de vasilhas (Quadro 1):

Com o objetivo de caracterizar melhor as formas, consideraremos mais duas variáveis ainda dentro deste contorno geral:

Base - Porção inferior externa em que se encontra o ponto terminal do recipiente. Ela pode ser:

Simple - quando se assenta diretamente

Composta - quando tem um elemento intermediário entre ela e o corpo.

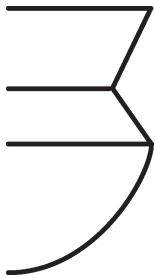
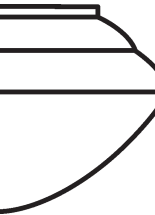
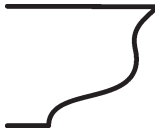

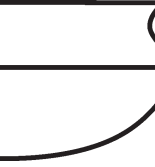

QUADRO 1

Categorias de formas estabelecidas a partir da associação de ponto angular e ponto de inflexão*

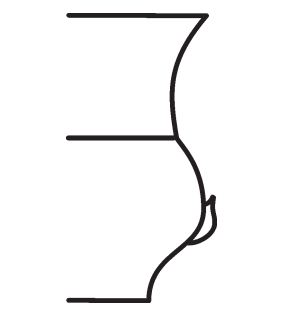
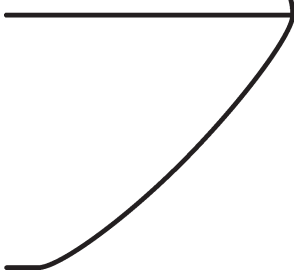
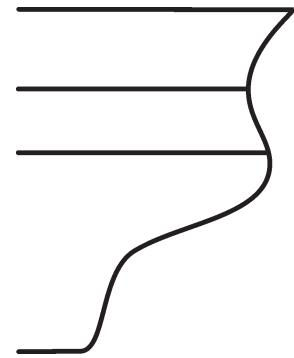
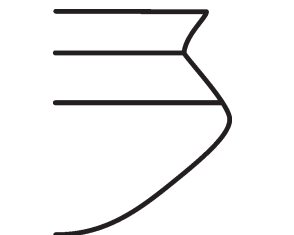
CATEGORIA	FORMA	
1	Aberta Simples	
2	Fechada Simples	
3	Aberta Angular	
4	Fechada Angular	
5	Aberta Inflexionada	
6	Fechada Inflexionada	

QUADRO 1 (cont.)

Categorias de formas estabelecidas a partir da associação de ponto angular e ponto de inflexão*

CATEGORIA	FORMA	
7	Aberta Multiangular	
8	Fechada Multiangular	
9	Aberta Multinflexionada	
10	Fechada Multinflexionada	
11	Aberta Angular / Inflexionada	
12	Fechada Angular / Inflexionada	

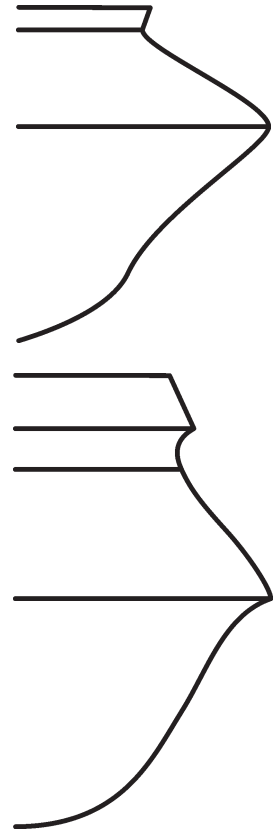
QUADRO 1 (cont.)

Categorias de formas estabelecidas a partir da associação de ponto angular e ponto de inflexão*		
CATEGORIA	FORMA	
13	Aberta Angular / Multinflexionada	
14	Fechada Angular / Multinflexionada	
15	Aberta Inflexionada / Multiangular	
16	Fechada Inflexionada / Multiangular	

QUADRO 1 (cont.)

Categorias de formas estabelecidas a partir da associação de ponto angular e ponto de inflexão*

CATEGORIA	FORMA
17	Aberta Multiangular/Multinflexionada
18	Fechada Multiangular/Multinflexionada



(*) Outras formas deverão integrar estas categorias além dos exemplos apresentados.

Apêndice - Saliência agregada à parede do recipiente, que pode ser interna ou externa. Este atributo engloba asas e suportes.

As partes consideradas são atributos que possuem significados tecnológico, funcional e estilístico. Conseqüentemente, a partir deles podemos inferir aspectos culturais, cronológicos e sociais.

Não estamos incluindo em uma primeira classificação atributos como borda e lábio, que poderão ser considerados em uma segunda ação classificatória. No quadro classificatório proposto estão presentes as seguintes partes constituintes de uma vasilha: boca, corpo e base.

O quadro abaixo resume os elementos que permitem uma classificação das formas em categorias gerais das vasilhas pertencentes à tradição ceramista Tupi e Guarani (cf. Quadro 2).

Técnicas de decoração

Estamos considerando técnica de decoração: *“A maneira como uma ação é exercida sobre um instrumento (um objeto físico, as mãos ou os dedos) para alterar a superfície de um objeto cerâmico, com o fim de criar efeitos visuais de acordo com um padrão mental estabelecido”* (Marois e Scatamacchia 1987:59)

QUADRO 2

Partes e pontos considerados para a classificação das formas					
I. Estrutura geral	II. Contorno da boca	III. Contorno do corpo	IV. Base	V. Apêndices	VI. Proporção
1- fechada 1a-com colo 1b-sem colo	1-simples 1a-circular	1-simples	1-simples	1-asa 2-alça	1-funda
2-aberta	1b-quadrangular 1c-retangular 1d-elíptica 1e-ovóide		1a-plana 1b-côncava 1c-convexa		
2a-com colo 2b-sem colo	2-múltipla 2a-circular	2-angular	2-composta 2a-anular		2-média
		3-inflexionado			3-rasa
	2b-quadrangular	4-multiangular			
	2c-retangular	5-multinflexionado			
	2d-elíptica	6-angular/ inflexionado			
	2e-ovóide	7-multiangular/Inflexionado			
		8-angular/ multinflexionado			
		9-multiangular/ multinflexionado			

Para fins de análise e definição de termos podemos identificar três aspectos:

- 1- uma ação específica
- 2- a relação de uma destas ações com um instrumento concreto
- 3- o produto da relação desta ação com este instrumento, que vem a ser uma composição decorativa.

As etapas comentadas têm uma dinâmica de caráter circular. O resultado geral do processo, isto é, a decoração, é ao mesmo tempo o projeto mental que iniciou o processo e direcionou a seleção da ação e dos instrumentos para a execução da proposta inicial.

Para explicar melhor estas etapas podemos dividi-las em elementos produtivos e elementos decorativos. Os produtivos estão relacionados às

duas primeiras etapas, sendo que os decorativos são o resultado das associações gráficas.

“Cada uma destas etapas tem um grau de generalidade diferente. Na primeira, temos um grau de generalidade que nos permite elaborar definições capazes de serem aplicadas universalmente. A segunda exige um maior grau de especificidade, já que a ação definida necessita agora estar acompanhada de um instrumento concreto. Em um terceiro nível a ação e o instrumento escolhido se associam para produzir uma disposição decorativa particular, de acordo com o padrão mental do artesão pertencente a um determinado grupo cultural” (op.cit: 80).

No caso da tradição ceramista tupiguarani, podemos identificar duas grandes categorias de técnica de decoração: acromática e pintada.

Técnica de decoração acromática

Dentro da definição geral de técnica de decoração, consideramos como acromática aquela que exerce uma ação sobre um instrumento para alterar o relevo da superfície de um objeto cerâmico, com o objetivo de criar efeitos visuais de acordo com um padrão mental culturalmente estabelecido. O efeito produzido está relacionado apenas ao deslocamento de porções de argila, sem a inclusão de pigmento cromático.

Entre as técnicas de decoração acromáticas, duas foram mais utilizadas por portadores da tradição tupiguarani:

Impressão: “Ação de apertar um instrumento perpendicular ou obliquamente sobre a pasta ainda plástica de um objeto, deixando a marca do mesmo”.

Incisão: “Ação de apertar um instrumento, deslizando-o sobre a superfície da pasta ainda plástica, produzindo uma linha em baixo-relevo” (op.cit: 81-82).

As decorações acromáticas identificadas dentro da tradição podem ser agrupadas de acordo com alterações da superfície, que como decoração possui uma nomenclatura já consagrada na literatura. As principais são as seguintes:

Corrugada: Resultante de técnica de impressão com o dedo, apertado perpendicularmente à superfície da pasta ainda plástica, produzindo uma marca em relevo, de caráter linear organizada de maneira regular ou irregular.

Ungulada: Resultante de técnica de impressão com a unha, apertada perpendicular ou obliquamente à superfície da pasta ainda plástica, produzindo uma marca na forma de meia lua em baixo relevo, de caráter linear organizada de maneira regular ou irregular.

Escovada: Resultante de técnica de incisão com um instrumento de múltiplas pontas, deslizando-o pela superfície ainda plástica, produzindo marcas em baixo-relevo paralelas de caráter zonal ou global.

Incisa: Resultante de técnica de incisão com um instrumento pontiagudo na superfície ainda plástica produzindo alterações em baixo-relevo.

Os elementos gráficos utilizados são limitados e no seu caráter essencial podem ser resumidos a pontos e linhas, isto é, a elementos retos e curvos. Do ponto de vista analítico, qualquer decoração é o resultado de diferentes maneiras de associações e organizações destes elementos.

Dentro desta proposta foi desenvolvido um sistema de referência que se baseia no princípio de associação dos elementos, que constitui o padrão decorativo (Marois; Scatamacchia; Duran 1994).

Antes de apresentar o princípio deste sistema, é importante comentar algumas conceituações sobre os termos que constituem o fundamento da análise mencionada.

Os termos básicos a serem considerados são: **alteração e elemento**. “Uma alteração é a modificação da superfície de um objeto cerâmico durante ou depois de sua fabricação. Esta modificação pode ser feita na superfície, em relevo e em profundidade. No caso de um objeto cuja superfície está coberta por uma fina camada de argila distinta da pasta, esta alteração se obtém banhando (ação) o objeto, em uma solução de argila sem recorrer a um instrumento particular, ou seja, deslizando (ação) um trapo (instrumento) molhado pela superfície. A natureza desta ação é ‘na superfície’. Se um instrumento penetra na pasta e, por qualquer ação, desloca um pouco dela para deixar marcas na superfície, a natureza da alteração será ‘em profundidade’. Se o instrumento desloca suficiente pasta para produzir elevações ou é agregada uma porção de pasta sobre a superfície do objeto, a natureza da alteração será ‘em relevo’” (op.cit: 13).

Deste modo, quando as alterações são feitas de maneira irregular e não intencional, não podemos identificar como elas se associam entre si para formar uma decoração. Podemos identificar uma decoração pela constância nos princípios de associação entre as alterações. Uma série de alterações forma uma unidade cuja repetição contribui para a formação de uma decoração, que estamos designando como elemento.

O sistema elaborado está baseado nas diferentes associações que os elementos podem ter entre si. De acordo com sua natureza, os elementos podem ser os seguintes:

Alteração: Qualquer modificação da superfície de um objeto durante ou depois de sua fabricação.

Elemento Simples: Uma alteração que constitui a menor parte significativa de uma decoração.

Elemento Composto: Várias alterações que constituem a menor parte significativa de uma decoração.

Guia: Um ou vários elementos que, se comportando como um todo, condicionam a posição e o tamanho dos demais elementos que se agregam aos primeiros para constituir uma decoração.

Elemento acompanhante: Um ou mais elementos cuja posição ou tamanho estão condicionados pelo guia e que se agregam a este último para constituir uma decoração.

Grupo Básico: A associação de um guia e seus acompanhantes que, se comportando como um todo, se repete para formar uma decoração.

Marco: Um ou vários elementos que se diferenciam graficamente e que delimitam a parte central de uma decoração.

Uma decoração é o resultado final da composição de vários elementos denominados guias, elementos acompanhantes, grupos básicos e marcos, que se combinam para formar um todo. A utilização deste sistema parte do princípio da identificação da menor parte significativa que compõe uma decoração e as associações e repetições que foram feitas para a sua realização.

No caso da cerâmica tupiguarani, as variações de associações de elementos produzidos a partir das técnicas de decoração acromática são poucas, pois a maioria dos resultados está concentrada na superfície corrugada ou unglada (Quadro 3). Esta última, com algumas variações na orientação e no espaçamento do elemento em forma de meia-lua, resultante da impressão com a unha.

No que se refere à decoração incisiva, ela é mais rara e na sua maioria é composta da associação de elementos retilíneos paralelos ou convergentes.²

Decoração Pintada

A técnica de decoração pintada é uma alteração da superfície do objeto cerâmico realizada pelo acréscimo de pigmentos coloridos.³

QUADRO 3

Técnicas de decoração acromática		
Elementos produtivos		Elementos decorativos
Movimento	Instrumento	Alteração
impressão	dedo	baixo-relevo alto-relevo
incisão	unha	
	instrumento com ponta	caráter linear caráter zonal caráter global
	instrumento de múltiplas pontas	regular irregular

(2) Consultar tabela de referência em Marois, Scatamacchia e Duran 1994.

(3) Faltam estudos sistemáticos sobre a origem dos pigmentos utilizados. A caracterização genérica para a

cerâmica das sociedades tribais sul-americanas é a do emprego de pigmentos vegetais, mas algumas análises realizadas identificaram pigmentos minerais.

A alteração da superfície de um objeto cerâmico com o acréscimo de pigmento colorido pode ser feita das seguintes maneiras:

Banho: A ação de mergulhar a peça cerâmica em uma solução aquosa com pigmento corante que cobre total ou parcialmente a peça.

Engóbio: A ação de mergulhar a peça cerâmica em uma solução de argila líquida, com ou sem corante, produzindo um revestimento homogêneo da superfície.

Desenho: A ação de agregar pigmento colorido na superfície cerâmica através de um objeto intermediário produzindo elementos retilíneos e curvilíneos que se associam de diversas maneiras.

As diferentes associações vão produzir os padrões decorativos mais variados e a adoção de determinado princípio de relação entre os elementos é um dado de identificação cultural.

Variáveis relacionadas à preparação da matéria prima, técnica de manufatura e elaboração da forma

I Matéria prima	II Manufatura	III Estrutura geral	IV Contorno da boca	V Contorno do corpo	VI Base	VII Proporção
1-areia	1-roletado	1-fechada	1-circular	1-simples	1-simples	1-funda
2-caco moído	2-modelado	2-aberta	2-quadrangular	2-angular	1a-côncava	2-média
3-outros			3-retangular	3-inflexionado	1b-plana	3-rasa
			4-elíptica	4-multiangular		
			5-outras	5-multinflexionado		
				6-angular/inflexionado		
				7-angular/ multinflexionado		
				8-inflexionado/ multiangular		
				9-multinflexionado/ multiangular		

Variáveis relacionadas com as técnicas decorativas

VIII Instrumento	IX Tipo de alteração	X Caráter da alteração	XI Tipo de elementos	XII Tipo de decoreção
1-dedo	1-baixo relevo	1-regular	1-simples	1-acromática
			1a-linear	1a-impressão
2-unha	2-alto relevo	2-irregular	1a ₁ -contínuo	1a ₁ -corrugada
			1a ₂ -tracejado	1a ₂ -ungulada
3-instrumento fino	3-em superfície		1a ₃ -pontilhado	1b-incisão
			1b-pontual	1b ₁ -incisa
4-instrumento com múltiplas pontas				1b ₂ -escovada
			2-composto	
5-outras			2a-linear	2-pintada
			2a ₁ -contínuo	2a-banho
			2a ₂ -tracejado	2b-engóbio
			2a ₃ -pontilhado	2c-desenho

Variáveis relacionadas com a organização da decoração e localização na superfície da vasilha

XIII Relação dos elementos ⁴	XIV Cor	XV Superfície	XVI Disposição	XVII Localização
1-elementos retilíneos	1-preto	1-externa	1-banda 1a-com marco	1-lábio
2-elementos curvilíneos	2-vermelho	2-interna	1b-sem marco	2-borda
3- elementos retilíneos e curvilíneos	3-preto sobre branco 4-vermelho sobre branco 5-preto e vermelho sobre branco	3-externa e interna	2-campo 3-zona 3a-com marco 3b-sem marco	3-colo 4-corpo 4a-parte superior 4b-parte inferior

Variáveis relacionadas à organização das diferentes decorações em uma vasilha

XVIII Número de decorações	XIX Tipo de associação	XX Classe de associação
1-uma	1-vertical	1-homogênea
2-duas	2-horizontal	2-heterogênea
3-três	3-circular	
4-outras	4-outras	

Quadro de referência para a classificação da decoração pintada

(*apud* Scatamacchia, Caggiano e Jacobus 1991)*

Composição de linhas retas

1. Associação de linhas verticais			
2. Associação de linhas oblíquas			

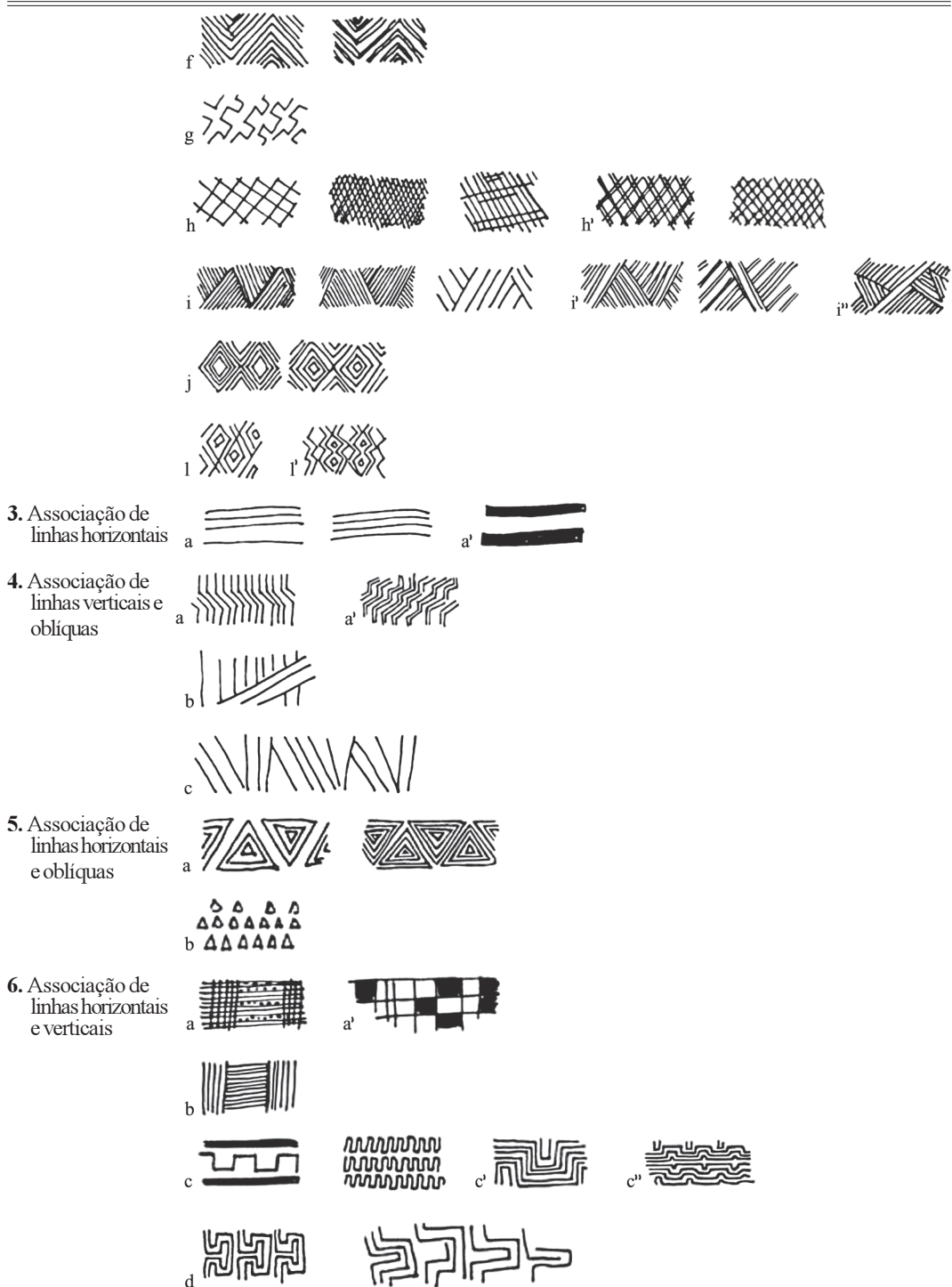
(4) Para decoração acromática ver quadro de referência in Marois, Scatamacchia e Duran (1994) e para decoração

pintada ver quadro de referência abaixo (*apud* Scatamacchia, Caggiano e Jacobus 1991).

Quadro de referência para a classificação da decoração pintada

(*apud* Scatamacchia, Caggiano e Jacobus 1991)*

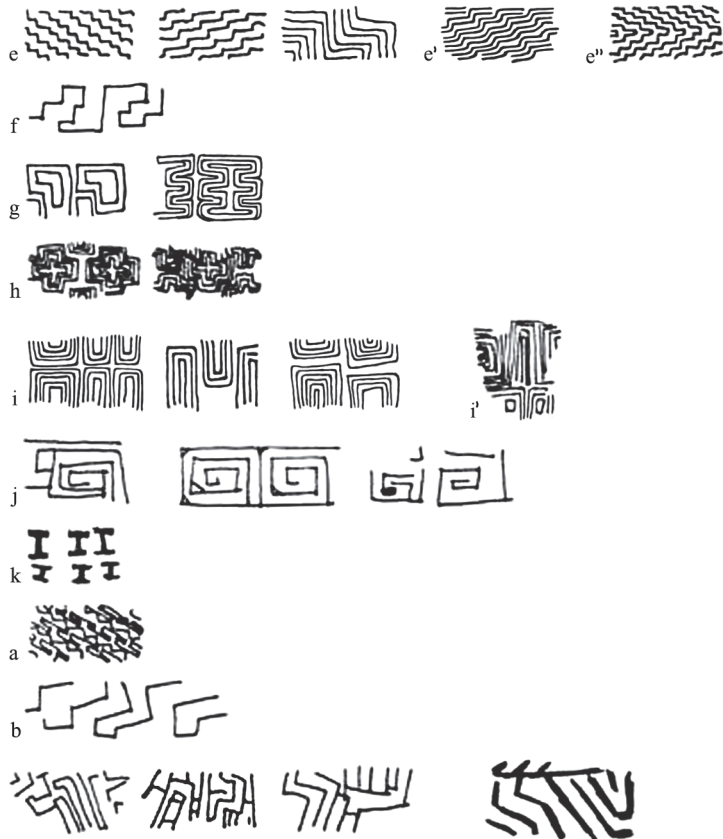
Composição de linhas retas (cont.)



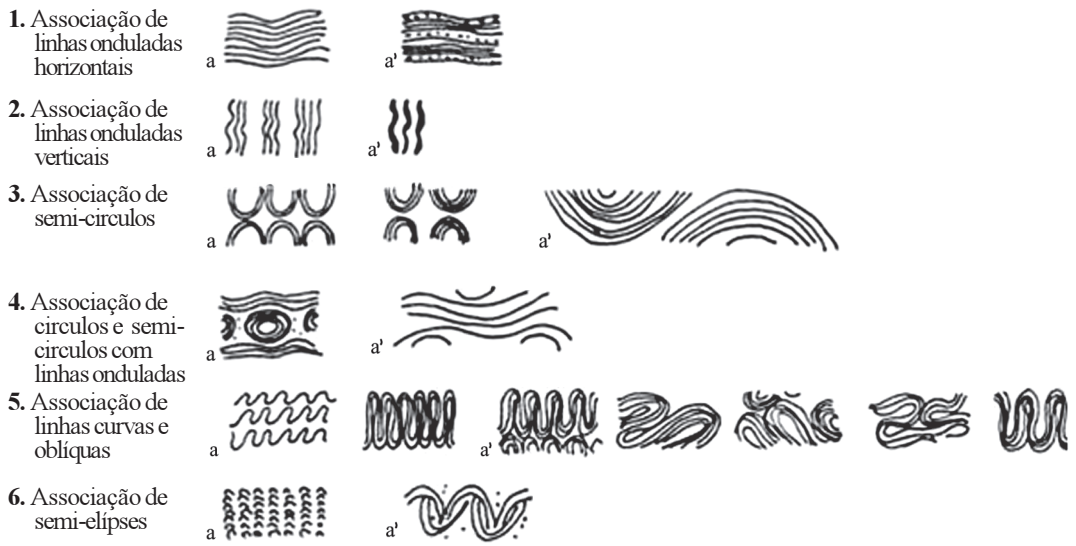
Quadro de referência para a classificação da decoração pintada

(*apud* Scatamacchia, Caggiano e Jacobus 1991)*

Composição de linhas retas (cont.)



Composição de linhas curvas



Quadro de referência para a classificação da decoração pintada

(*apud* Scatamacchia, Caggiano e Jacobus 1991)*

Composição de linhas curvas (cont.)

7. Associação de linhas curvas enganchadas	
8. Associação de linhas onduladas com espirais	
9. Associação de figuras curvas isoladas	
10. Associação livre de linhas curvas	

Composição de linhas retas e curvas

1. Associação de linhas verticais e curvas	
2. Associação de linhas horizontais e curvas	
3. Associação de linhas oblíquas e curvas	
4. Associação de linhas verticais, horizontais e curvas	

Quadro de referência para a classificação da decoração pintada

(*apud* Scatamacchia, Caggiano e Jacobus 1991)*

Composição de linhas retas e curvas (cont.)

5. Associação de linhas horizontais e obíquas com curvas



6. Associação livre de linhas retas e curvas



(*) Desenhos: José Luiz de Magalhães Castro.

Considerações finais

Esta proposta é um esquema simplificado para fazer uma descrição e classificação desta tradição ceramista amplamente difundida em todo leste da América do Sul e que tem sido denominada genericamente como *tupiguarani*.

Acreditamos que a partir de uma classificação em amplas categorias é possível estabelecer alguns parâmetros objetivos que permitam caracterizar as diferenças da tradição, que tem sido mencionada na documentação etno-histórica no que se refere aos grupos culturais e, do ponto de vista arqueológico, têm sido apontadas

apenas a presença e ausência de atributos. Intuitivamente algumas formas estão sendo associadas, mas existe a necessidade de referências precisas para o estabelecimento de identificações e correlações.

A associação das variáveis forma e decoração realizada a partir de princípios objetivos pode estabelecer um quadro referencial para determinar as variações regionais.

Somente a aplicação deste sistema em várias regiões é que poderá demonstrar a sua eficácia e as suas falhas. Trata-se, portanto, de um sistema aberto, onde novas variações e informações podem ser acrescentadas.

SCATAMACCHIA, M.C.M. Proposal of terminology for the description and classification of the archaeological pottery of the Tupi-Guarani linguistics family groups. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 14: 291-307, 2004.

ABSTRACT: The proposal presented here is the result of previous research (Scatamacchia, Caggiano and Jacobus 1991; Scatamacchia, Fonseca and Pilón 2003), which had the preoccupation of establishing precise definitions for description and classification ceramic based on a reference frame that allows for fast identifications and wide correlations. The discussions led to the creation of an objective system,

starting from a reference frame for the classification of archaeological ceramic vessels pertaining to the groups of Tupi-Guarani linguistic filiations. We take as the basis for the presentation the terms referring to different stages of production of a ceramic vessel, which should be considered for the description and classification. They embody the description of the techniques that involve artisan's initial project, the search of the raw material, its preparation, the form and the choice of the decoration. This ensemble will guarantee a basic identification of both the artifact and the technological skill of the group, which will be the basis for its insertion into the social context. The proposal is an open system of description that allows for the classification of the ceramic vase inside a wide classifying category, which can be further enlarged within the variables which indicate regional or local specifications.

UNITERMS: Classification system – Potter tradition – Tupi-guarani – Material culture.

Referências bibliográficas

- BROCHADO, J.P.
1984 *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into eastern south America I*. Tese de doutoramento, University of Illinois at Urbana-Champaign.
- PRONAPA
1969 *Arqueologia Brasileira em 1968*. Publicações Avulsas, n.º 12, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.
- MAROIS, R.; SCATAMACCHIA, M.C.M.
1987 Estudo comparativo de termos franceses, ingleses, espanhóis e portugueses relacionados com as técnicas decorativas da cerâmica pré-histórica. *Dédalo*, 25. São Paulo: 53-85.
- MAROIS, R.; SCATAMACCHIA, M.C.M.; DURÁN, E.
1994 *Ensaio sobre a Composição das Decorações*. Instituto Panamericano de Geografia e Historia. México.
- RICE, P.
1987 *Pottery Analysis a Sourcebook*. Chicago: The University of Chicago Press.
- SCATAMACCHIA, MARIA CRISTINA MINEIRO
1990 *A tradição policrômica no leste da América do sul evidenciada pela ocupação Guarani e Tupinambá: fontes arqueológicas e etno-histórica*. Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo.
1997 Uniformização da Terminologia Arqueológica Americana: O Projeto do Comitê de Arqueologia do IPGH. In *Memórias del III Simpósio Panamericano de Historia*. Instituto Panamericano de Geografia e História, México.
- SCATAMACCHIA, M.C.M.; CAGGIANO, M.A.; JACOBUS, A.
1991 O aproveitamento para a classificação de vasilhas cerâmicas da tradição Tupiguarani. Anais do 1 Simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro. *Clio*; Serie arqueológica, 4. Recife: 89-94.
- SCATAMACCHIA, M.C.M.; FONSECA, Z.O.; PILÓN, J.-L. no prelo *Guía práctica para el análisis de la forma de los recipientes cerámicos precolombinos*. Instituto Panamericano de Geografia e Historia, México.
- SHEPPARD, A.
1968 *Ceramics for the Archaeologist*. Washington: Carnegie Institution of Washington.
- SINOPOLI, C.M.
1976 Terminología Arqueológica Brasileña para la Cerámica. *Cadernos de Arqueologia*, 1, Universidade Federal do Paraná. Departamento de Antropología. Curitiba.
1991 *Approach to Archaeological Ceramics*. New York: Plenum Press.
- TEJERO, N.C.; LITVAK, J.
1968 *Un Sistema de Estudio para Formas de Vasijas*. Tecnología/2. Instituto Nacional de Antropología e Historia, México.